

## P O E S I A

---

### **NATUREZA MORTA**

RODRIGO PETRONIO

As frutas estão podres  
sobre a mesa.  
Não é a ação do tempo,  
o curso irrefreável da natureza.  
Não é o desligamento  
maligno da matéria.  
São frutas sobre a mesa.

As frutas estão podres.  
Não é o que consumiste  
nas tuas horas de insônia,  
a brasa do cigarro  
reverberando no vazio.  
Não é a pobreza,  
o subdesenvolvimento  
ou a ação do vento  
que encera os ossos.  
São frutas sobre a mesa.

As frutas estão podres.  
A maçã e sua espada,  
a pêra, sua anatomia,  
o abacaxi refratário  
vestindo organdi.  
Não é a epifania,  
o signo que aspira a eterno,  
a luz táctil de Morandi.  
Não estão no lugar do Deus ausente.  
Não anunciam a morte da semente.  
São frutas sobre a mesa.  
As frutas estão podres.

Não quero refrear a sua química.  
Não quero vasculhar o seu mistério.  
Não quero conceder beleza a elas.  
Não é o imperativo categórico.  
Não é o animal que em nós se aninha.  
Não é a dramatização de um conceito  
nem a contrafação do diamante  
ou aquilo que o amante faz no leito.  
São frutas sobre a mesa posta.  
Estão podres.  
Não em busca de resposta.

### **DANÇA**

É inútil querer que a alma seja una.  
Simulacro que aos olhos se desata  
e na matéria cálida ressuma  
alheia à vida e, no que morre, intacta.

Tela branca que o tempo mimetiza  
em sua fluência líquida e serena,  
inscrição frugal que a ave faz na brisa,  
signo ancestral que aos mortais acena

do interior do âmbar resoluto,  
giro dos seres que o sensível esmalta  
à sombra do que fora Absoluto:

irmã do Ser Imóvel do Eleata,  
dança a alma quando vive do que falta  
e morre em quanto aspira ser exata.

\* Poema do livro inédito *Cinco Marias*

## P O E S I A

---

### **A V E S S I A**

*excertos*

Levamos frutas  
uma progênie  
cestas de uva  
esse espanto  
de sermos apenas  
um dos tantos instantes  
compostos no milagre  
de tudo o que há  
para os olhos e o tato  
e que está além deles.  
Fósseis animados  
música antiga  
esgrima de águas  
como porcelanas rompidas  
muitas vidas numa vida  
no corpo a corpo das vagas  
ameixas no convés  
o segredo inexplicável  
de descendermos dos mortos  
sem no entanto tocá-los.  
Sob a pele resumidos  
o poder de gerar  
e condensar a todos  
numa só vida  
como os tons reunidos  
no branco a espera  
de serem libertos  
os mortos que nos rondam  
que nos impregnam  
cada gesto e estão na composição  
do corpo a murmurar  
cada vida amigo

cada vida que vem à luz  
é uma ressurreição.  
Não há nascimento  
só há renovação.

E o remo sulca a superfície  
roxa do mar, e você escuta calada  
a memória de todos os projetos a voz  
de todos  
os mortos no eco de uma concha.

*Rodrigo Petronio é escritor e pesquisador. Cursa mestrado em Literatura Espanhola na USP e é autor do livro de poemas História natural (Editora Gargantua, 2000) e do livro de ensaios Transversal do tempo (Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2001).*